DIÁRIO *de bordo*

Bela idéia

ROBERTO RODRIGUES



No Congresso Ibero-Americano de Integração Cooperativa realizado em novembro passado em Madri, a Société de Coopération pour le Dévéloppement International (Socodevi), entidade canadense de apoio a países em desenvolvimento, apresentou uma proposta da maior importância para o cooperativismo brasileiro. Trata-se do reflorestamento de áreas não agricultáveis dos associados a cooperativas agrícolas e seu aproveitamento industrial. Raras propriedades rurais não apresentam alguns hectares impróprios para produção agrícola por serem muito inclinados, pedregosos etc. Além disso, nossa legislação florestal exige os célebres 20% de reserva legal, sobre os quais pagamos impostos e não obtemos nenhuma rentabilidade. A exploração sustentada dessas áreas, dependente de adequação legislativa, poderia ser uma boa fonte de renda extra para os produtores.

A Socodevi apresentou dados muito interessantes: 27% das áreas não submersas do planeta são cobertas por florestas naturais ou plantadas, e surpreende o número da relação entre a área florestada das diversas regiões do globo e sua exploração econômica. Segundo a FAO em 1995, as Américas Central e do Sul detêm a maior área florestada, cerca de 26% do total mundial, seguidas pela Europa do Leste (24%), África (15%), América do Norte e Caribe (15%) e Ásia (15%). A Europa ocidental tem 3% das florestas do mundo e a Oceania, 2%.

No entanto, a América do Sul tem apenas 9% da produção florestal, enquanto a Europa Ocidental tem 16%; a Ásia, 33% e as Américas do Norte e Central juntas, 27%. E, em dados ainda mais notáveis, vemos que a América do Sul comercializa 6% do total mundial, enquanto a Europa negocia 40% e as Américas do Norte e Central, cerca de 34%. Há uma clara desproporção prejudicando os sul-americanos e favorecendo a Europa, a América do Norte e a Ásia. O Brasil é o grande depositário da participação sul-americana.

A indústria florestal movimenta, segundo a Socodevi, cerca de US$300 bilhões por ano. Uma enormidade, comparada com o faturamento mundial do café (US$20 bilhões anuais). Desse total, em 1997 cerca de US$135 bilhões foram gerados no comércio internacional. Os números impressionam e abrem enormes possibilidades para o Brasil. Afinal, um eucalipto pode ser colhido aqui em seis ou sete anos e um *pinus* em 10 ou 12 anos. Nos países nórdicos ou no Canadá, esse tempo pode chegar a 40 anos ou mais.

A evolução dos preços de algumas *commodities* é também reveladora. Usando o índice 100 para 1980, os produtos florestais industriais chegaram, em 1995, a quase 250 (um aumento de 150%), enquanto os produtos agrícolas atingiram em média 110 no mesmo período – ou seja, cresceram apenas 10% com relação ao valor. Até os manufaturados tiveram menor valorização que os florestais: cresceram cerca de 80%. Mantida a tendência, temos um grande negócio em potencial: um produto florestal tem mais capacidade de agregar valor que os produtos agrícolas e com menos investimento.

É a grande vantagem da atividade. Segundo a Socodevi, o custo de reflorestamento de um hectare está por volta de US$500. Após 20 anos, podem-se produzir 200 metros cúbicos de madeira por hectare, a um valor de US$10/m³ da madeira em pé. Se transformada (serrada, aparada etc.), a madeira pode valer 10 vezes mais, cerca de US$100 – um faturamento bruto de US$20 mil/ha. Na média, US$1 mil anuais. E o custo corresponderia ao de uma diária por hectare/ano. Os números precisam ser revistos para o caso brasileiro, mas são alentadores.

Se os produtores associados a um grupo de cooperativas se ocupassem da produção florestal e, para agregar-lhe valor, montassem em sociedade uma indústria que poderia começar com uma serraria, poderiam sofisticar o investimento para produção de cortes de madeira para exportação, movelaria etc.

Em Quebec, no Canadá, há 45 cooperativas no setor. Reúnem trabalhadores que arrendam terras para produzir madeira com cerca de 5.900 sócios e empregados. Produzem 800 mil metros cúbicos de madeira serrada por ano, a um valor de US$279 milhões anuais. Possuem 13 serrarias e plantam 110 milhões de mudas anualmente. Entretanto, além das cooperativas, há um grande movimento florestal em Quebec, gerando 150 mil empregos no estado, com faturamento anual total de US$13 bilhões. É um grande negócio para a região. Quantos milhões de empregos diretos e indiretos não poderiam ser gerados no Brasil?

Além da questão econômica para o agricultor, aí está uma atividade que poderia ser feita em parceria com os trabalhadores rurais. Dando-lhes uma participação no resultado florestal, o proprietário da terra abre uma possibilidade de aumento da renda do trabalhador e esse passaria a ter novo interesse pelo emprego e pela defesa da propriedade.

Tudo isso deve levar em conta ainda o grande ganho ambiental de um projeto dessa natureza. Além do crescimento da renda, a comunidade preservaria o meio ambiente e a biodiversidade.

O programa é atraente especialmente porque existem fontes externas de financiamento que a Socodevi se dispõe a mobilizar. Ajusta-se ainda ao projeto de Commodities Ambientais, em estudo na Abag, que permitirá ao agricultor vender em bolsas papéis certificados de seqüestro de CO_2, que seriam adquiridos por empresas poluidoras.

Roberto Rodrigues *é engenheiro agrônomo e agricultor, presidente da Aliança Cooperativa Internacional e da Associação Brasileira de Agribusiness e professor de Economia Rural da Unesp – Jaboticabal.*